

HOMENS MINHOCAS OU SIMPLES CURIOSOS?

Para a maioria das pessoas, a idéia de se rastejar por buracos no chão é coisa de tatu ou minhoca. Mas, então, como explicar o prazer de se embrenhar por grutas e salões ou descer por rapel na escuridão dos abismos subterrâneos da espeleologia? É difícil entender porque esses homens minhocas caminham dias por trilhas carregando mochilas cheias de cordas e equipamentos e rodeados de mosquitos e pernilongos até chegarem ao início desta jornada escura e úmida.

Em uma conversa franca com o espeleólogo Marcelo Rasteiro, membro da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) e Especialista em Ecoturismo, pudemos entender um pouco mais deste universo.

A espeleologia equívale a um esporte de aventura, pois nela também há necessidade de ir literalmente ao fundo da questão de estudos para descobrir, entre outras coisas, o seu tamanho exato, os tipos de rochas, a presença de rios subterrâneos e as formas de vida que se encontram no local. Passar horas parados ou submersos num riacho é uma amostra do real interesse pela espeleologia, que é a exploração e descoberta de um mundo subterrâneo.

Segundo Marcelo Rasteiro, é preciso lembrar também que a convivência com “moradores” deste tipo de ambiente, entre eles os morcegos, aranhas, escorpiões e mosquitos, deve ser pacífica. É claro que também fazem parte deste ambiente formações maravilhosas, como as estalactites, ornamentos formados por minerais (calcita), que sofrem ação da gravidade, dos ventos e pressões no interior das cavernas, solidificando-se no teto. Ou então as estalagmites, que se elevam do solo e demoram milhões de anos para serem esculpidas.

Em nosso país, há vários conjuntos de cavernas exploradas, como a região do Parque Nacional da Chapada Diamantina, a Serra da Bodoquena em Bonito, a Serra do Espinhaço ao norte de Belo Horizonte, São Domingos em Goiás, a região oeste do Pará em Altamira e o Petar ao sul de São Paulo, que conta com mais de 300 cavernas mapeadas até o momento.

Historicamente, a exploração de cavernas vem do século XIX, quando os primeiros aventureiros naturalistas procuravam descobrir o que se esconde sobre os nossos pés. No Brasil, esta atividade encontrou respaldo na criação da SBE, que a partir da década de 70 começou a reunir todos os núcleos de espeleólogos que atuavam no país. Naquela época, a espeleologia enfrentava muitos problemas para conseguir preservar regiões cavernosas por causa do interesse das mineradoras. Uma das formas encontradas foi rumar esforços para que o turismo fosse incentivado e possibilitar a proteção destes locais para futuros estudos, gerar renda para a comunidade local e convocar novos adeptos para este tipo de atividade. Entendia-se que era necessário conhecer para preservar, o que hoje é incorreto, pois é melhor preservar para se poder conhecer melhor depois.

O crescimento do turismo infelizmente trouxe a busca por interesses puramente econômicos na maioria dos locais, sem levar em consideração a cultura do lugar. Regiões como o Petar contam com estradas pavimentadas para facilitar o acesso do maior número de visitantes possíveis, lojas de souvenirs, pousadas e até passarelas com corrimão e luz elétrica no interior das cavernas, transformando-as em cenários surreais. Por isso, uma das preocupações da SBE para a sobrevivência das cavernas no Brasil é a modificação nas regras de visitação (capacidade de carga) para minimizar o impacto.

Vale lembrar que um passeio ou uma pesquisa em caverna é tarefa árdua e o seu acesso é alcançado após dias de caminhadas em trilhas fechadas. Nas cavernas, chega-se a passar dias sem ver a luz do Sol, com taxas de umidade muitas vezes insuportáveis. Estas sim são as condições reais encontradas por quem faz espeleologia. E qualquer oferta que inclua estacionamento, restaurante e pousada aconchegante certamente não mostrará o que é realmente a espeleologia.

É necessário haver uma auto-reflexão antes de procurar uma agência de turismo e saber se é este mesmo o tipo de aventura que você pretender realizar e transformar-se em um homem minhoca. Senão, o melhor é procurar outro tipo de diversão.

Adriano Buzoli (professorbuzoli@gmail.com).

